

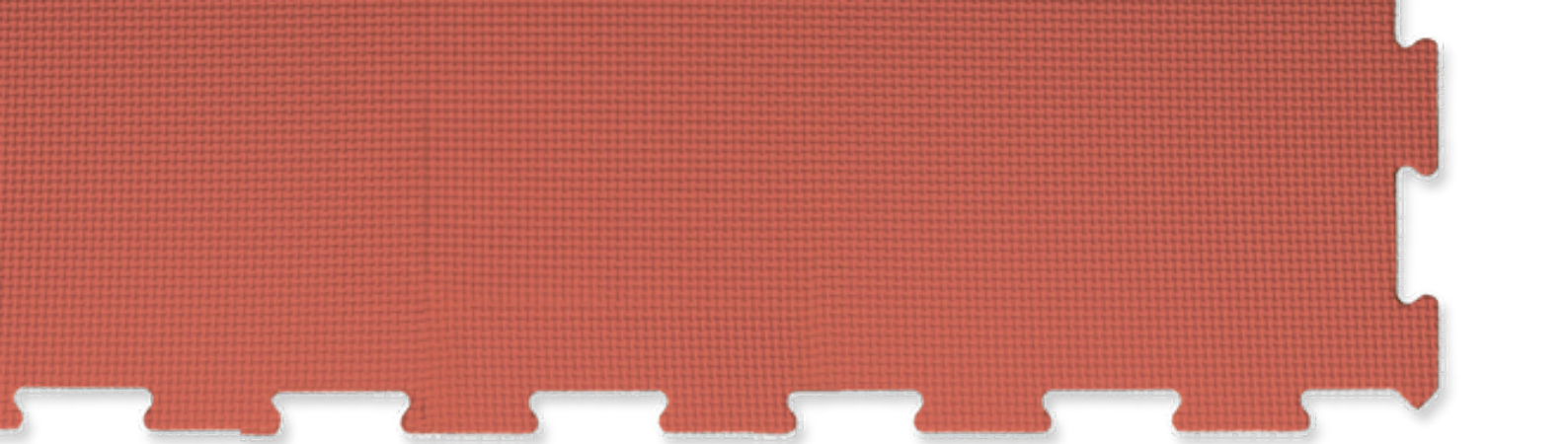
ACOLHENDO O LUTO NA ESCOLA

**Cartilha para Formação de Profissionais
da Educação Infantil e do Ensino Fundamental**

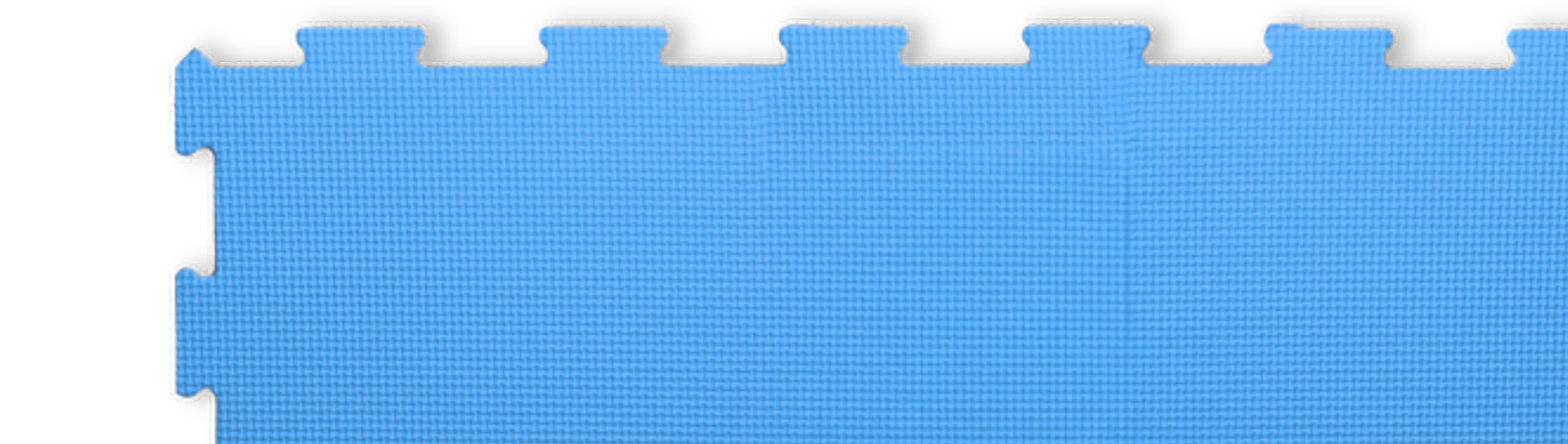
Caroline Francisca Eltink
Lilian Cláudia Ulian Junqueira

MESTRADO PROFISSIONAL
em PRÁTICAS
INSTITUCIONAIS EM
SAÚDE MENTAL



Esta cartilha é uma produção do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental (PPG-PISM), da Universidade Paulista – UNIP / Campus Ribeirão Preto – SP. A cartilha foi desenvolvida pelos docentes permanentes do PPG-PISM, como parte integrante do Projeto de Inserção com a Rede Ideal.



Projeto gráfico e diagramação: Felipe Denuzzo
Capa: Felipe Denuzzo
Imagens: seleção, adaptação e tratamento visual por Felipe Denuzzo

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial da UNIP
Campus Ribeirão Preto**

E51a	Eltink, Caroline Francisca; Junqueira, Lilian Cláudia Ulian Acolhendo o luto na escola. (Preprint). / Caroline Francisca Eltink; Lilian Cláudia Ulian Junqueira --Ribeirão Preto: Universidade Paulista, 2026. 43 f.il.: (Material Didático Instrucional / cartilha) Programa de Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista – UNIP 1. Escola. 2. Luto. 3. Saúde Mental. CDU 37.015.3:159.942
------	---

Bibliotecária: Tatiane Rosa de Paula. CRB: 8/8919

Autoras

CAROLINE FRANCISCA ELTINK

Psicóloga pela Universidade de São Paulo, Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1999) e Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo (2006). Professora Titular do curso de Psicologia da Universidade Paulista – UNIP, Supervisora de Estágio em Psicologia Escolar, e Docente Permanente do Programa Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental. Membro do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental em Contextos Institucionais. Tem experiência e pesquisa nas áreas de Psicologia, Educação e Saúde Mental, com ênfase em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Psicologia Escolar e Educacional.

Contato: caroline.eltink@docente.unip.br

LILIAN CLÁUDIA ULIAN JUNQUEIRA

Psicóloga clínica desde 2004 e supervisora com grupos de estudos em psicoterapia clínica, literatura, arte e luto. Mestre e Doutora pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP. Psico-oncologista. Especialização em Clínica Fenomenológica Existencial pelo IFEN - Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro - RJ - Brasil. Especialização em Intervenção Psicoterapêutica Integrativa no Luto pela INLUTO - Associação Portuguesa de Cuidados Integrados no Luto. PT - Portugal. Docente permanente do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista – UNIP na temática de pesquisa: Envelhecimento, Luto e Saúde Mental.

Possui experiência como docente nas áreas Psicologia Clínica - Abordagem Fenomenológico-Existencial e supervisão de estágio em psicoterapia individual e grupos, hospitalar, plantão psicológico e saúde mental. Experiência profissional em clínica: psicoterapia individual e grupo, adolescentes e adultos. gerontologia, lutos, cuidados paliativos e saúde mental dos profissionais de saúde.

Contato: lilian.junqueira@docente.unip.br



AGRADECIMENTOS

A construção desta cartilha foi enriquecida pela colaboração de pessoas que compartilharam seus conhecimentos, experiências e incentivos ao longo de sua elaboração.

Agradeço especialmente à Profa. Dra. Cristiane Corsini Prizanteli, docente do Mestrado Profissional Práticas Institucionais em Saúde Mental, pelas valiosas indicações de leitura, pela disponibilidade e pelas contribuições que auxiliaram na fundamentação e no aprimoramento deste material.

Agradeço também ao Prof. Dr. Paulo Eduardo Benzoni, coordenador do Mestrado Profissional Práticas Institucionais em Saúde Mental, pelo incentivo e apoio à proposição desta cartilha, bem como pela confiança em sua relevância para a comunidade educacional.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
O QUE É O LUTO?.....	9
CRIANÇAS PEQUENAS COMPREENDEM A MORTE?.....	11
O QUE AS CRIANÇAS COSTUMAM PERGUNTAR?.....	14
COMO O LUTO SE MANIFESTA NA ESCOLA?.....	16
O PAPEL DOS EDUCADORES E DA ESCOLA DIANTE DA MORTE E DO LUTO INFANTIL.....	18
COMO CONVERSAR SOBRE A MORTE COM CRIANÇAS NA ESCOLA?.....	20
O LÚDICO COMO FORMA DE EXPRESSÃO DO LUTO.....	23
ATIVIDADES LÚDICAS E PEDAGÓGICAS DE ACOLHIMENTO.....	26
PALAVRAS E EXPRESSÕES QUE AJUDAM.....	30
PALAVRAS E EXPRESSÕES QUE NÃO AJUDAM OU PODEM CONFUNDIR.....	31
E QUANDO MORRE ALGUÉM DA ESCOLA?.....	32
RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA QUANDO ALGUÉM DA ESCOLA MORRE.....	35
CUIDANDO DE QUEM CUIDA.....	38
MENSAGEM FINAL.....	41
REFERÊNCIAS.....	43



Em muitas sociedades contemporâneas, a morte costuma ser um tema evitado ou silenciado. A escola pode ajudar a construir uma cultura mais saudável, em que as perdas sejam abordadas com sensibilidade e respeito. Isso não significa transformar a escola em um espaço terapêutico, mas reconhecer que a morte faz parte da experiência humana e que as crianças têm o direito de receber informações adequadas e apoio quando enfrentam uma perda.

Pesquisas sobre luto infantil mostram que a presença de adultos disponíveis, afetivos e consistentes é um dos principais fatores de proteção para a adaptação da criança após uma perda.

Nesse sentido, professores e educadores, que são aqueles que ficam mais tempo com as crianças e estão mais próximos delas afetivamente, podem exercer um importante papel no apoio às crianças enlutadas. Portanto, a escola desempenha um importante papel ao oferecer relações de confiança, acolhimento emocional e oportunidades para expressão dos sentimentos.

Professores, coordenadores e demais profissionais podem oferecer escuta, acolhimento e apoio emocional, contribuindo para que a criança não enfrente o sofrimento de forma solitária.

Esta cartilha, desenvolvida como parte integrante do Programa Ideal Acolhe da Rede Ideal, foi desenvolvida de modo a trazer informações, cientificamente embasadas, para que os profissionais da educação - Educação Infantil e Ensino Fundamental - possam compreender melhor o processo de luto infantil, e como podem ajudar as crianças a elaborarem a perda de entes queridos na escola.

O que é o luto?

O luto pode ser definido como um processo de elaboração de uma perda significativa que envolve a adaptação a uma nova realidade e que apresenta um conjunto de reações. Ele não é uma doença, mas uma fase necessária e uma reação natural à perda.

Na realidade, vivemos muitas e pequenas perdas ao longo de toda a vida, não somente de pessoas, mas o luto está presente em diversas situações: quando um brinquedo preferido se quebra, um animal de estimação morre, ou ainda, ao longo das fases da vida, quando perdemos o corpo infantil que aos poucos vai adquirindo características de adolescente, quando nossos pais da infância passam a cobrar novas tarefas e responsabilidades, ou quando os pais se separam, mudam de cidade e perdemos contato com amigos queridos...

Embora a perda de uma pessoa querida seja uma experiência universal, o modo como cada sociedade expressa o luto e se despede de seus mortos é único.

Cada cultura lida com a morte e tem rituais fúnebres muito diversos, refletindo suas visões sobre vida, religião e o que ocorre após o falecimento.

Os rituais funcionam como uma ancoragem estável para as pessoas que ajudam a lidar com a turbulência emocional da perda.

Não existe um tempo certo nem um jeito certo de "superar" a perda de uma pessoa querida. Cada um vive o luto e reage à sua maneira.

**O LUTO É UM PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À
UMA NOVA REALIDADE.**



CRIANÇAS PEQUENAS COMPREENDEM A MORTE? COMO ELAS VIVENCIAM O LUTO?

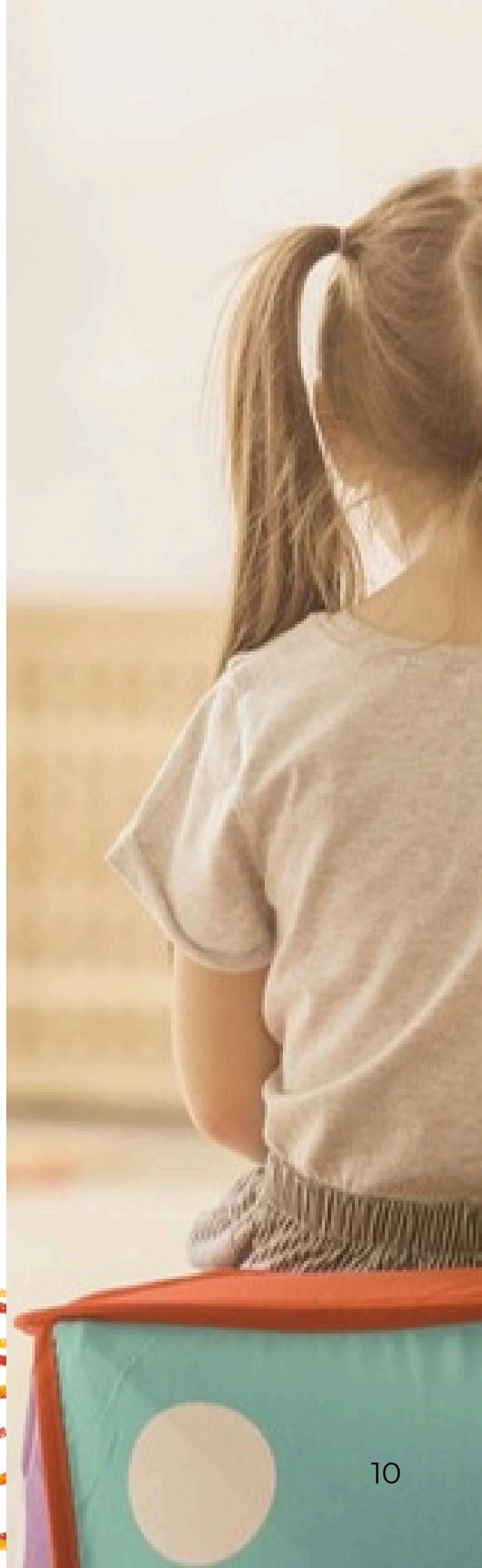
Desde muito pequenas as crianças percebem a ausência, mudanças na rotina, reações e comportamento das pessoas ao seu redor.

A compreensão das crianças sobre a morte desenvolve-se de forma gradual, e está intimamente ligada ao seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

Para entenderem plenamente a morte, as crianças precisam dominar quatro conceitos-chave.

ELA PRECISA ENTENDER QUE A MORTE:

- **É IRREVERSÍVEL;**
- **É UNIVERSAL (ACONTECE COM TODOS);**
- **É INEVITÁVEL;**
- **E ENVOLVE A CESSAÇÃO DE TODAS AS FUNÇÕES VITAIS (NÃO FUNCIONALIDADE).**



Aos 3 anos elas entendem a perda, mas não a morte em si, podendo reagir com choro, desespero e dificuldades físicas, como problemas de alimentação ou sono.

Aos 4 anos desenvolvem um entendimento parcial da natureza biológica. Elas conseguem perceber que um ser morto não se move nem sente medo, mas o entendimento ainda é incompleto. Nessa fase é comum a criança acreditar que a pessoa voltará. Ela tem dificuldade de compreender a irreversibilidade da morte, ou seja, ela acredita que a morte é reversível. Ao mesmo tempo que ainda tem dificuldade de diferenciar fantasia de realidade, seu pensamento é concreto, portanto, as interpretações de figuras de linguagem são literais.

Em torno de 5 e 6 anos muitas crianças já sabem que um animal morto não voltará a viver, mas ainda podem ter confusões biológicas, como acreditar que o falecido ainda precisa comer ou beber.

Por volta dos **7 anos**, a grande maioria (91%) já compreende que os processos biológicos cessam totalmente.

Somente aos **10 anos** geralmente dominam o entendimento biológico completo da morte.

**O LUTO DE CADA CRIANÇA É VIVIDO A PARTIR DE SEU
REPERTÓRIO COGNITIVO, AFETIVO E SEU CONTEXTO DE VIDA.**





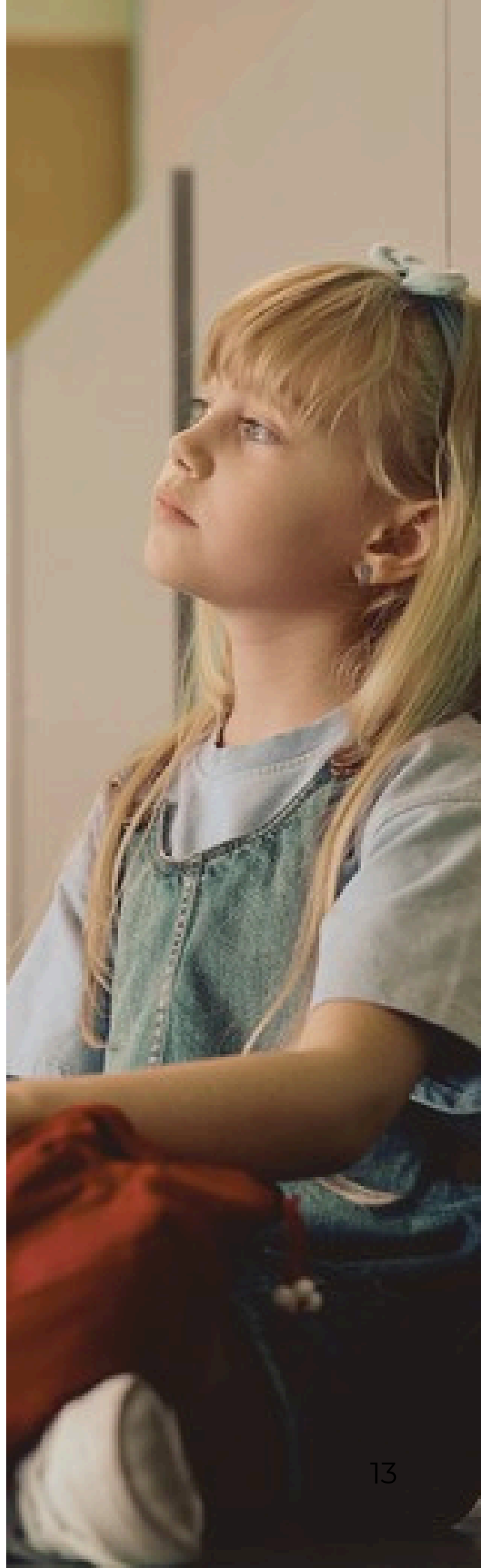
O QUE AS CRIANÇAS COSTUMAM PERGUNTAR?

É comum as crianças enlutadas perguntarem, e mais de uma vez, em casa, na escola, para os vizinhos... e para outras pessoas mais próximas, como os avós, tios, educadores:

- **"ONDE ELA ESTÁ?"**
- **"POR QUE MORREU?"**
- **"VAI VOLTAR?"**
- **"EU TAMBÉM VOU MORRER?"**
- **"VOCÊ VAI MORRER?"**

Muitas vezes o luto vivido pelas crianças não é validado pelos adultos. É importante que o adulto ofereça uma escuta atenta e responda ao que a criança está perguntando:

- **COM HONESTIDADE.**
- **ADEQUANDO A RESPOSTA À IDADE.**
- **USANDO UMA LINGUAGEM SIMPLES.**
- **DANDO EXPLICAÇÕES CURTAS, OBJETIVAS, CLARAS E CONCRETAS.**
- **NÃO INVENTANDO EXPLICAÇÕES.**
- **E, NO CASO DA ESCOLA, RESPEITANDO AS CRENÇAS FAMILIARES.**



**MUITAS VEZES, OS ADULTOS NÃO VALIDAM O LUTO
VIVENCIADO PELAS CRIANÇAS.**



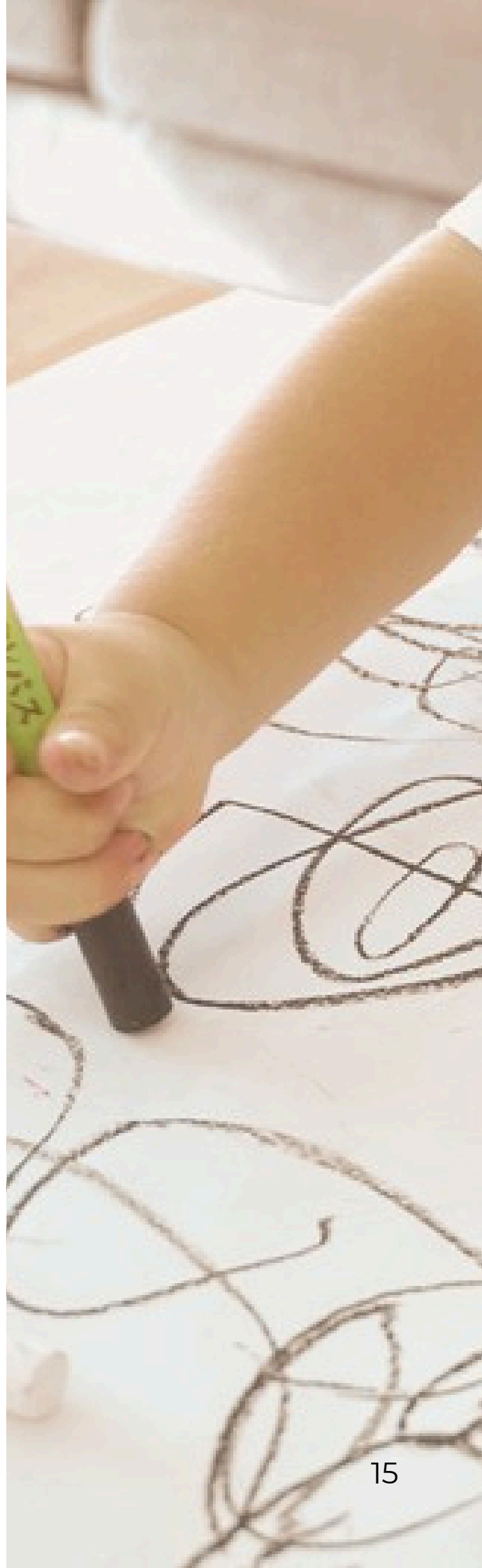


COMO O LUTO SE MANIFESTA NA ESCOLA?

A escola é um importante espaço de desenvolvimento da criança. Ela é seu segundo espaço de socialização, após a família. Nela a criança se desenvolve e aprende, incluindo a compreensão de temas presentes na vida cotidiana, como a morte.

A escola pode ocupar um lugar importante no acolhimento do luto infantil porque é um dos principais espaços de convivência, desenvolvimento emocional e construção de significados na vida das crianças. Quando uma criança perde uma pessoa querida, a experiência da perda não fica restrita ao ambiente familiar, ela acompanha a criança em todos os contextos de sua vida, incluindo a escola.

Os profissionais da educação atuam como mediadores do processo de desenvolvimento, oferecendo acolhimento, escuta ativa e suporte emocional para que os pequenos consigam nomear o que estão sentindo, e possam elaborar sua perda de forma saudável.

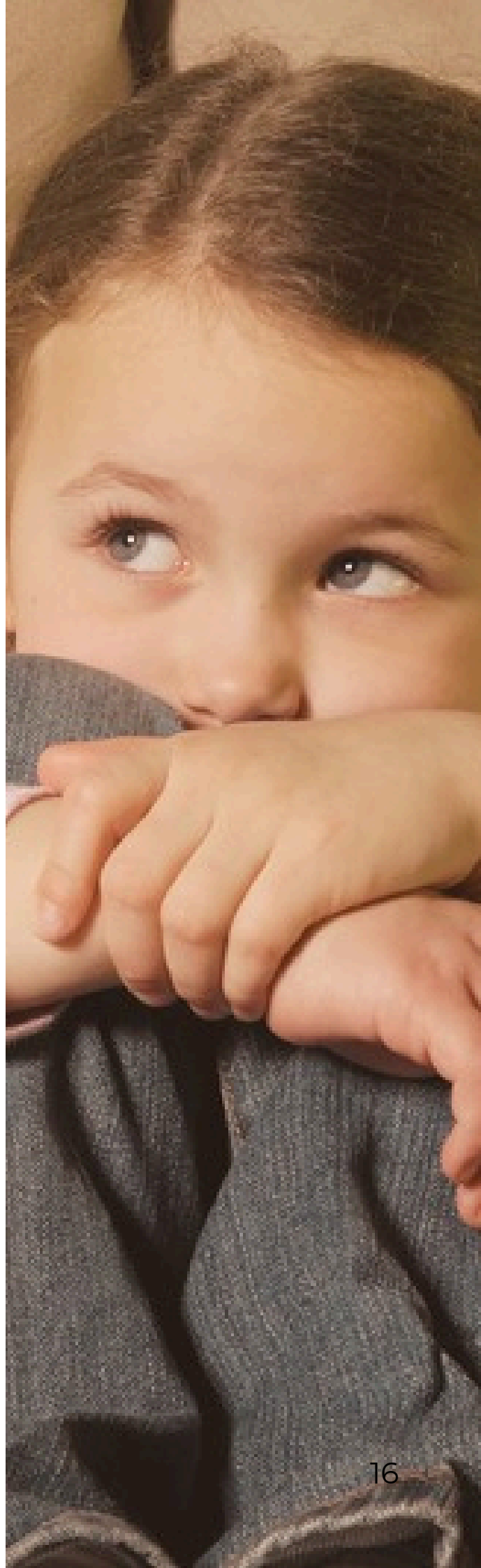


Após uma perda significativa, a criança pode experimentar insegurança, medo, tristeza, confusão e mudanças em seu comportamento. Algumas mostram-se mais tristes, irritadiças; outras manifestam medo, agressividade ou isolamento. Também podem surgir dificuldades de concentração nas atividades, e maior dependência dos adultos.

Estes comportamentos e sentimentos oscilam. Uma criança pode brincar normalmente após momentos de tristeza. As regressões podem ser temporárias, mas isso não significa falta de sofrimento!

As manifestações de luto variam conforme a idade:

- **MENORES DE 3 ANOS: PODEM APRESENTAR PERDA DE APETITE, RETRAIMENTO SOCIAL, IRRITABILIDADE E CHORO EXCESSIVO.**
- **3 A 5 ANOS: PODEM APRESENTAR CONSTIPAÇÃO, INCONTINÊNCIA URINÁRIA (ENURESE), PESADELOS E ACESSOS DE RAIVA.**
- **CRIANÇAS EM TORNO DE 6 A 7 ANOS: PODEM DEMONSTRAR QUEDA NO DESEMPENHO ESCOLAR, MENTIR, COMETER PEQUENOS FURTOS, SENTIR DORES DE CABEÇA OU DE ESTÔMAGO OU FADIGA.**





O PAPEL DOS EDUCADORES E DA ESCOLA DIANTE DA MORTE E DO LUTO INFANTIL

A escola é um importante espaço de intercâmbio social, onde a criança passa a maior parte do seu tempo e estabelece vínculos afetivos significativos com todos que lá estão.

Quando o ambiente escolar acolhe a dor, ele se consolida como uma referência segura, o que pode inclusive melhorar o bem-estar da criança na escola e seu rendimento escolar.

A escola oferece algo fundamental nesse momento: continuidade, previsibilidade e segurança. A manutenção de rotinas, vínculos e atividades conhecidas ajuda a criança a perceber que, apesar da ausência da pessoa amada, sua vida continua cercada por referências estáveis.

E quando a escola permite que o luto seja compartilhado, ela contribui com a redução do isolamento causado pela dor individual, diminuindo o sofrimento calado e a solidão da criança enlutada.

O luto é uma experiência social. Quando a escola reconhece a perda vivida pela criança, transmite uma mensagem importante: os sentimentos dela são legítimos e merecem respeito. Esse reconhecimento ajuda a criança a compreender que tristeza, saudade, raiva e medo são reações humanas esperadas diante da morte de alguém importante.

Ao não se omitir diante da morte, a escola desempenha um papel importante no desenvolvimento humano e na promoção de bem-estar, evitando que o silêncio gere medos desnecessários, fantasias aterrorizantes ou distúrbios psicoafetivos futuros.

O papel do educador não é "curar" a dor, mas sim oferecer uma escuta sensível e empática, garantindo que ela tenha o tempo necessário para o seu processo

O QUE FAZER

- Escutar.
- Validar sentimentos.
- Estar disponível.
- Manter rotina e previsibilidade.

O QUE EVITAR

- Minimizar a dor.
- Forçar conversas.
- Pressionar para 'seguir em frente'.
- Usar eufemismos para falar da morte.



COMO CONVERSAR SOBRE A MORTE COM CRIANÇAS NA ESCOLA?

O medo de ultrapassar limites familiares e a falta de respostas geram silenciamento escolar.

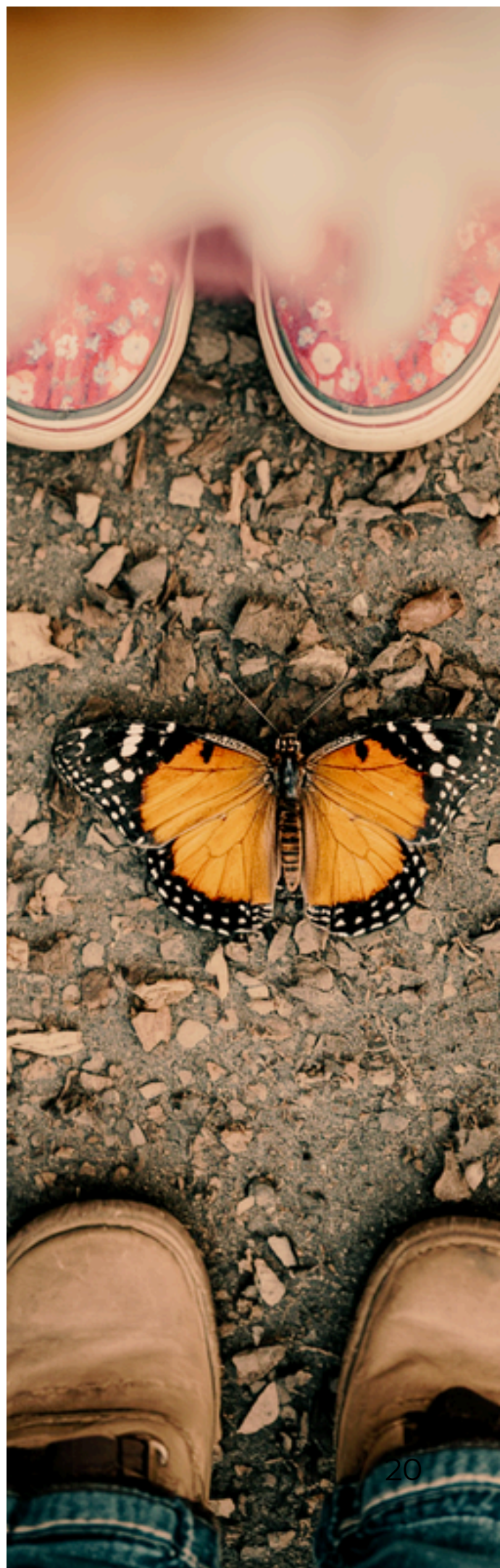
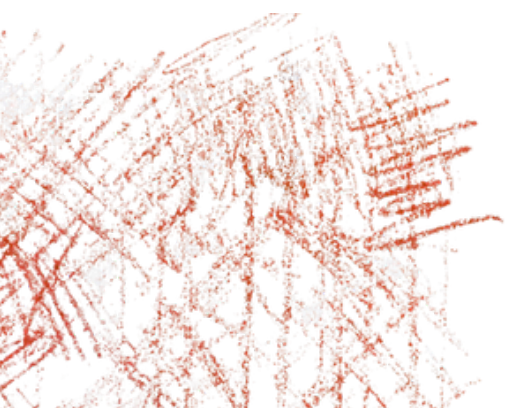
Ao transformar a temática da morte em um objeto de conhecimento escolar e de reflexão, a escola ajuda a desconstruir o tabu e permite que o aluno desenvolva formas de enfrentamento mais saudáveis e adaptativas diante das perdas.

O cotidiano escolar já impõe perdas graduais, como um brinquedo que se quebrou, mudança de lugar na sala de aula, a mudança de série, mudança de professores ou de colegas. Estas experiências servem como base para a elaboração de perdas maiores. Essas pequenas perdas envolvem rupturas, frustrações e sofrimentos, fazendo parte do desenvolvimento humano, e funcionam como uma analogia à ideia de morte.

Cotidianamente as crianças observam os ciclos de vida e morte na natureza, e às vezes até, na própria escola: um passarinho que morreu, uma formiguinha pisoteada, o exoesqueleto de uma cigarra preso em uma árvore, uma borboleta morta no chão...

O(A) professor(a) de referência, ou seja, aquele educador que permanece mais tempo com a criança, é uma figura de segurança e afeto, constituindo-se como um importante apoio para a compreensão e o manejo de sentimentos difíceis.

Ao expressar, por exemplo, sua própria tristeza de forma natural, diante da perda da mascote da turma (um peixinho, por exemplo), o educador ensina à criança recursos de enfrentamento que perdurarão por toda a vida.



PARA FALAR DA MORTE, O EDUCADOR PODE UTILIZAR A LITERATURA INFANTIL, FILMES DE ANIMAÇÃO, DESENHOS, JOGOS E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSOS MEDIADORES QUE PERMITEM ÀS CRIANÇAS FALAREM SOBRE SEUS MEDOS DE FORMA INDIRETA E MENOS AMEAÇADORA.





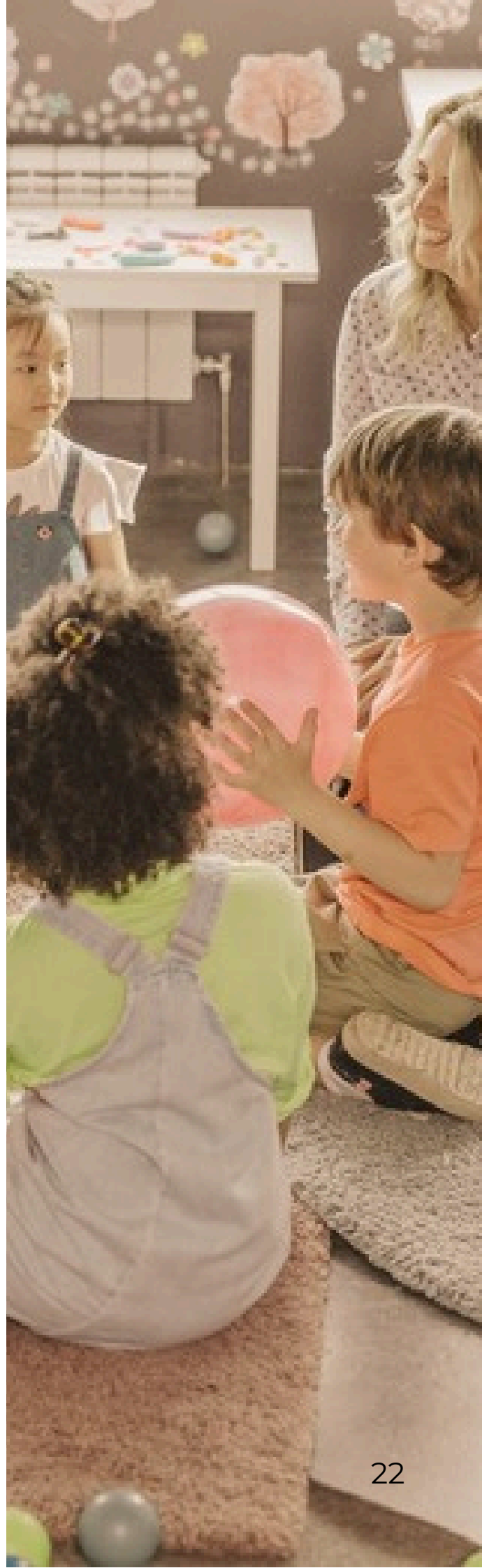
O LÚDICO COMO FORMA DE EXPRESSÃO DO LUTO

As atividades lúdicas são recursos mediadores interessantes para trabalhar o tema da morte e o luto na escola, pois permitem que a criança expresse sentimentos que ainda não consegue nomear verbalmente.

O uso de recursos lúdicos não serve para criar dor, mas para olhar para o sentimento de perda e auxiliar na elaboração do luto, permitindo que a criança encontre sentido e significado para a vida mesmo diante da finitude.

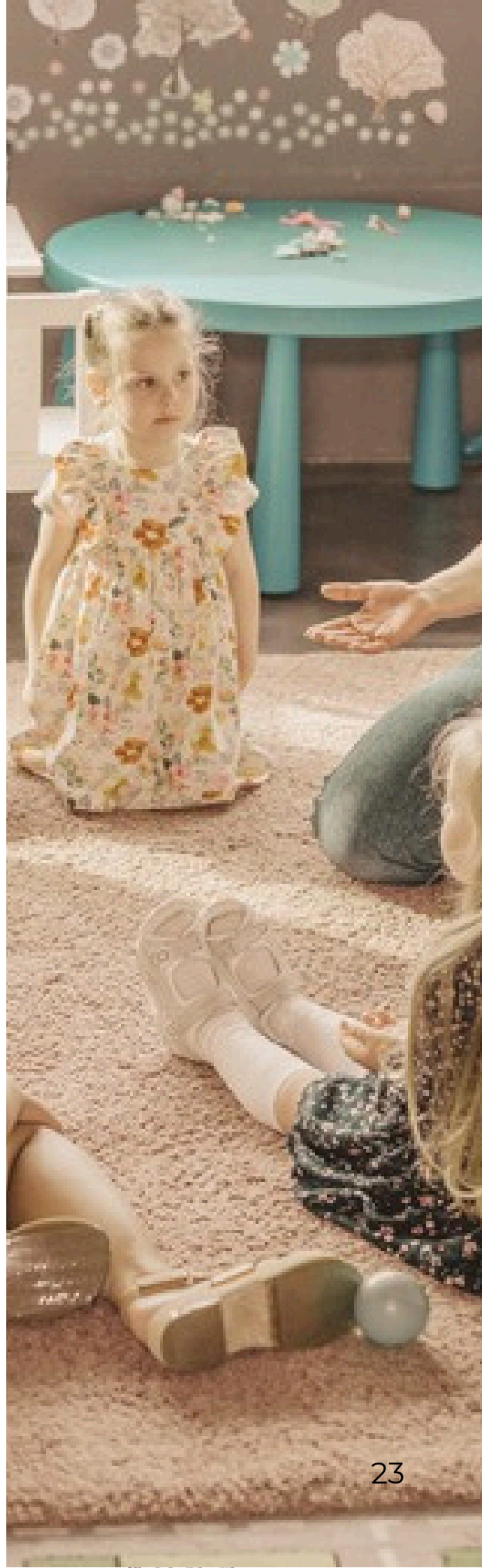
As atividades lúdicas desenvolvidas na escola possibilitam processos de reflexão e associações que tornam o processo de aprendizagem sobre a morte gradual e menos angustiante.

As atividades lúdicas são fundamentais para desconstruir o tabu da morte pois permitem que o tema seja abordado de forma simbólica, respeitando os limites de desenvolvimento cognitivo e emocional de cada criança.



Como dito anteriormente, crianças até 4 anos tem uma compreensão parcial da morte. Já crianças de 5 a 7 anos estão em uma fase de transição cognitiva, e entendem o que é morte, mas fazem confusões biológicas, portanto o uso de símbolos e recursos concretos pode ajudá-las a processar a perda.

Através de brincadeiras como a do “faz de conta” as crianças podem elaborar suas emoções e sentimentos, expressar o que sentem sem a retaliação ou a avaliação de um adulto, elaborar e compreender a(s) perda(s). Neste caso, é importante o educador apenas observar sem interromper ou corrigir.



LIVROS, FILMES, PEÇAS DE TEATRO, BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA, DINÂMICAS, RODAS DE CONVERSA, DESENHOS OFERECEM UM SUPORTE PARA QUE OS ALUNOS EXPRESSEM SUAS ANGÚSTIAS, MEDOS E SENTIMENTOS DE MANEIRA CONSTRUTIVA E SEGURA.



ATIVIDADES LÚDICAS E PEDAGÓGICAS DE ACOLHIMENTO

A **literatura** é apontada como o principal recurso pedagógico e terapêutico, pois oferece metáforas que ajudam a criança a enfrentar conflitos internos com segurança. O educador pode, na hora da leitura, escolher livros que abordem o ciclo da vida, como *A Sementinha Medrosa* (Oliveira, 2003), ou a perda de vínculos afetivos, como *O coração e a Garrafa* (Jeffers, 2022), *O Pato, a Morte e a Tulipa* (Erlbruch, 2023), *O dia em que o passarinho não cantou* (Mazorra & Tinoco, 2018), *Menina Nina* (Pinto, 2002), ou outros livros e histórias que o educador considere interessante para ler para sua turma.

Para a escolha das histórias é importante considerar a linguagem, a qual deve ser adequada à faixa etária, o grau de compreensão das crianças, e o respeito à diversidade das crianças e de crenças familiares.

Após a leitura da história, o educador pode propor que as crianças criem um final diferente para o livro, ou participem de leituras dramáticas, por exemplo.





O **desenho** também é uma ferramenta interessante de expressão infantil. Ele permite que a criança externalize medos e fantasias, funcionando como uma forma de "nomear" a angústia. Convidar a criança para desenhar sua história em cenas, como ocorre em uma história em quadrinhos, mas como se fosse "filme" sobre sua vida, com as cenas: antes, durante e depois da perda, pode ajudá-la a organizar a narrativa e dar sentido à experiência.

Filmes podem ser usados para sensibilizar e promover a identificação dos alunos com o tema, como o filme Viva – a vida é uma festa (Unkrich & Molina, 2017)

Canções são recursos interessantes para serem utilizados como mediadores de expressões emocionais, e disparadores de reflexões e conversas, como Quando Eu Fico Triste (Tatit & Peres, 2000). Esta canção, por exemplo, não ensina sobre a morte, mas enfatiza a importância de aceitar a tristeza como parte natural da vida emocional.



IMPORTANTE LEMBRAR QUE O OBJETIVO DESTAS ATIVIDADES É PROMOVER UM ESPAÇO DE EXPRESSIVIDADE, E NÃO DE AVALIAÇÃO DAS CRIANÇAS ENLUTADAS.



A **roda de conversa** após a atividade lúdica também pode ser um recurso adicional, através do qual o educador pode oferecer um acolhimento. Ela vai funcionar como um espaço para a socialização da perda, evitando que o sofrimento da criança ocorra de forma isolada. Nesse espaço, o educador deve validar as emoções (como choro e raiva) e permitir que as crianças compartilhem suas próprias curiosidades e crenças sobre o que acontece após a morte, promovendo um aprendizado coletivo.



O educador pode, na hora da roda, convidar as crianças a conversar sobre a atividade desenvolvida lançando perguntas como:

- "Do que você sente saudade?"
- "Quem são as pessoas importantes na sua vida?"
- "O que fazemos para lembrar de alguém que gostamos?"
- "Como percebemos quando um amigo está triste?"

Em cada uma dessas atividades sugeridas, é fundamental que o educador seja um ouvinte atento e empático, respeitando o tempo e a verdade da criança.

O EDUCADOR DEVE ACOLHER A CRIANÇA COM ATENÇÃO E EMPATIA, RESPEITANDO SEU TEMPO E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE A SITUAÇÃO VIVENCIADA.



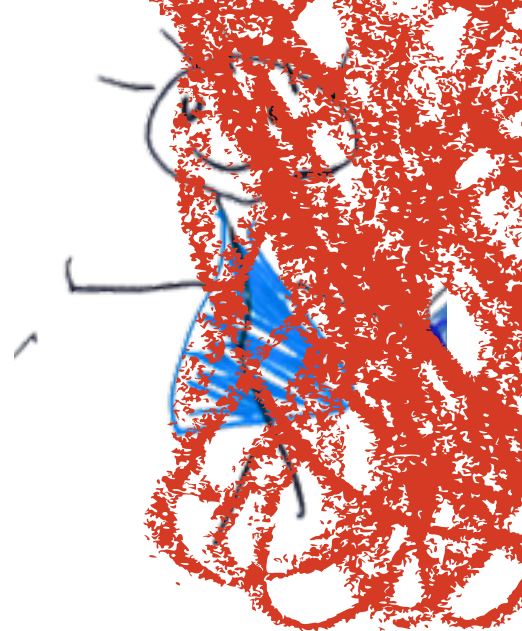
PALAVRAS E EXPRESSÕES QUE AJUDAM



Os educadores, ao oferecerem uma escuta atenta e sensível, podem ajudar a criança a reconhecer, expressar e elaborar os sentimentos relacionados ao luto. O objetivo não é "tirar a tristeza", mas oferecer segurança emocional e validar a experiência da criança. Ele pode usar expressões como:

- **"ESTOU AQUI COM VOCÊ."**
- **"VOCÊ PODE SENTIR SAUDADE."**
- **"É NORMAL FICAR TRISTE."**
- **"PODEMOS CONVERSAR QUANDO VOCÊ QUISER."**
- **"VOCÊ PODE SENTIR TRISTEZA, SAUDADE, RAIVA OU ATÉ FICAR CONFUSO. TODOS ESSES SENTIMENTOS SÃO PERMITIDOS."**
- **"VOCÊ PODE FALAR SOBRE ESSA PESSOA SEMPRE QUE QUISER."**
- **"SENTIR SAUDADE É UMA FORMA DE LEMBRAR DE QUEM AMAMOS."**
- **"CADA PESSOA VIVE A TRISTEZA DE UM JEITO."**
- **"NÃO HÁ PROBLEMA EM CHORAR."**
- **"VOCÊ NÃO PRECISA ESCONDER O QUE ESTÁ SENTINDO."**
- **"PODEMOS LEMBRAR JUNTOS DOS MOMENTOS BONS QUE VOCÊS VIVERAM."**
- **"É NORMAL TER MUITAS PERGUNTAS."**
- **"VOCÊ PODE FAZER PERGUNTAS SEMPRE QUE PRECISAR."**
- **"MESMO QUANDO ALGUÉM MORRE, AS LEMBRANÇAS E O AMOR QUE SENTIMOS POR ESSA PESSOA CONTINUAM CONOSCO."**
- **"VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHO(A)."**

PALAVRAS E EXPRESSÕES QUE NÃO AJUDAM OU PODEM CONFUNDIR



Como dito anteriormente, é importante responder as questões o mais simples e honestamente possível.

Deve-se evitar utilizar eufemismos como "virou estrelinha.", "foi dormir para sempre", "foi viajar", "Deus quis assim" (sem considerar crenças familiares).

Se o adulto diz para uma criança pequena "O vovô está dormindo para sempre", por exemplo, ela pode ficar com medo de dormir, pois nesta fase ainda compreendem a realidade de forma literal.

Algumas crianças pequenas acreditam que, de alguma forma, causaram a morte de uma pessoa. Elas podem pensar "Eu fui mau, então minha professora me deixou", ou "Eu desejei que minha amiguinha morresse e isso aconteceu". Portanto é importante dizer para as crianças que elas não têm culpa pelo que aconteceu.

Recomenda-se evitar expressões como:

- **"NÃO CHORE."**
- **"SEJA FORTE."**
- **"VOCÊ PRECISA SUPERAR ISSO."**
- **"FOI MELHOR ASSIM."**
- **"AGORA VOCÊ PRECISA CUIDAR DA SUA MÃE/PAI."**
- **"DEUS QUIS ASSIM." (NEM TODAS AS FAMÍLIAS COMPARTILHAM A MESMA CRENÇA E A CRIANÇA PODE INTERPRETAR ISSO DE FORMA ANGUSTIANTE)**

E QUANDO MORRE ALGUÉM DA ESCOLA?



E se alguém querido da escola morrer, como uma educadora, uma auxiliar ou assistente de sala, um funcionário... como a escola deve proceder?

Diante dessa situação, a notícia deve ser dada o mais brevemente possível por alguém com quem as crianças tenham vínculo de confiança. Deve-se utilizar a palavra "morreu", evitando eufemismos, e explicando que a morte é definitiva e que o corpo parou de funcionar. Também é fundamental estar disponível para responder às perguntas das crianças de forma simples e de acordo com seu nível de compreensão.

O profissional que estiver dando a notícia não precisa esconder sua própria tristeza, pois é normal sofrer por uma perda significativa. Além disso, ele deve permitir que as crianças/alunos expressem sua dor e emoções (choro, raiva, tristeza, medo, confusão...). Validar essa experiência é fundamental para o processo de elaboração e integração do luto. Frases e gestos do educador permeados por empatia e suporte emocional permitem que a criança se sinta compreendida e apoiada no decorrer do processo de luto.

É importante que a pessoa escolhida para dar a notícia seja alguém próximo das crianças, que ela seja uma referência de suporte afetivo. Muitas pessoas acreditam que o melhor profissional para dar a notícia é o psicólogo, por ser quem tem formação para falar sobre o assunto ou dar a notícia, contudo, se as crianças não o conhecem, será para elas como ouvir a notícia de um desconhecido. O educador que for dar a notícia, deve se colocar como uma figura de suporte afetivo, disponível para ouvir ativamente e admitir que também não possui todas as respostas, e ele pode propor que aprendam juntos sobre o tema.

A introdução ao tema pode ser feita de forma gradual. Uma estratégia eficaz é começar tratando da morte de animais, para somente depois progredir para o tema da perda de pessoas queridas. Isso ajuda a naturalizar o ciclo da vida.

A escola pode encorajar o desenvolvimento de atividades expressivas pedagógicas/lúdicas, como as sugeridas nos capítulos 7 e 8, por meio dos quais são organizados momentos de socialização da perda desta pessoa querida na escola. Estas atividades podem servir como pequenos rituais de despedida que auxiliam a criança a dar significado à experiência da perda.

A construção de uma caixa de memórias, por exemplo, pode servir como um ritual de despedida, onde as crianças depositam seus desenhos ou pequenos textos registrando momentos que lembram com carinho, ou com mensagens/palavras/frases que gostariam de dizer para a pessoa que morreu. Sendo que a produção da homenagem não deve ser obrigatória, contribui quem quiser. Também é importante garantir que o aluno se sinta à vontade para falar, ler ou escrever sobre suas angústias, e que ninguém irá rir ou desvalorizar seu sofrimento.

A **caixa de memórias** pode favorecer a elaboração da perda, pois oferece uma forma concreta e simbólica de participação em um momento de despedida.

Estudos científicos apontam que atividades que estimulam a escrita, a leitura ou o desenho sobre os "medos de perda" ajudam a criança a externalizar angústias e a construir novos significados para o rompimento. O uso de atividades lúdicas permite que a criança trate o tema de forma simbólica, facilitando a elaboração da dor dentro de seus limites cognitivos.

É importante que a pessoa querida da escola seja lembrada pelo nome e como alguém que faz parte da história dos alunos.

De modo geral, os profissionais da escola devem estar atentos a mudanças de comportamento, como agressividade, isolamento, queda no desempenho escolar ou comportamentos regressivos de seus alunos, e, se necessário, chamar a família para conversar e, a depender, encaminhar para ajuda psicológica.



SEMPRE QUE POSSÍVEL, A NOTÍCIA DEVE SER DADA POR ALGUÉM COM QUEM A CRIANÇA TENHA VÍNCULO DE CONFIANÇA E QUE REPRESENTA UMA FONTE DE APOIO EMOCIONAL.



RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA QUANDO ALGUÉM DA ESCOLA MORRE



A comunicação de uma morte à criança deve, sempre que possível, ocorrer em parceria com a família. A escola deve dialogar com as famílias e alinhar informações sobre como a notícia será compartilhada. Essa articulação contribui para que a criança receba explicações coerentes nos diferentes contextos em que circula, reduzindo dúvidas e inseguranças. Também permite que os pais/responsáveis se preparem para acolher possíveis reações emocionais após a comunicação realizada na escola.

A aproximação entre escola e responsáveis favorece a construção de uma rede de apoio capaz de acolher a criança de forma sensível e coerente em um momento de grande impacto emocional.

A morte de um professor, ou outro profissional querido da escola, pode representar uma perda significativa para as crianças, especialmente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental 1, etapas em que os vínculos afetivos com os adultos de referência desempenham papel fundamental no desenvolvimento e na sensação de segurança.

Antes de abordar o assunto com a turma ou com uma criança específica, é importante que a equipe escolar procure alinhar informações com as famílias.

Além disso, antes de divulgar fatos específicos sobre o falecimento à comunidade escolar, é prudente obter autorização da família da pessoa falecida para respeitar sua privacidade.

É importante reconhecer que cada família compreende a morte a partir de suas próprias experiências, crenças culturais e convicções religiosas. Por isso, a escola deve adotar uma postura respeitosa diante dessa diversidade, evitando impor interpretações específicas sobre a morte e priorizando informações claras, objetivas e compatíveis com a faixa etária das crianças.

A comunicação entre escola e família também deve permanecer ativa após a notícia.

O compartilhamento de observações pode auxiliar na identificação de mudanças emocionais e comportamentais que mereçam atenção, favorecendo um acompanhamento mais sensível e integrado. Esse compartilhamento permite que o suporte seja contínuo nos dois ambientes

Quando escola e família atuam de forma colaborativa, as crianças encontram maior segurança para expressar sentimentos, fazer perguntas e elaborar a perda de uma pessoa que ocupava um lugar importante em seu cotidiano.

SUGESTÕES PARA A COMUNICAÇÃO COM AS FAMÍLIAS:

- **INFORMAR A FAMÍLIA SOBRE O FALECIMENTO;**
- **UTILIZAR LINGUAGEM CLARA E RESPEITOSA, EVITANDO EUFEMISMOS;**
- **EXPLICAR COMO A ESCOLA PRETENDE ABORDAR O ASSUNTO COM A TURMA;**
- **ORIENTAR OS PAIS/RESPONSÁVEIS SOBRE POSSÍVEIS REAÇÕES EMOCIONAIS DAS CRIANÇAS;**
- **MANTER CANAIS DE DIÁLOGO ABERTOS PARA O COMPARTILHAMENTO DE DÚVIDAS, OBSERVAÇÕES E NECESSIDADES DE APOIO;**
- **RESPEITAR AS CRENÇAS E PRÁTICAS CULTURAIS E RELIGIOSAS DE CADA FAMÍLIA AO TRATAR DO TEMA.**



**QUANDO ESCOLA E FAMÍLIA CAMINHAM JUNTAS, A CRIANÇA
ENCONTRA MAIS SEGURANÇA PARA ENFRENTAR AS DORES DA
PERDA.**



CUIDANDO DE QUEM CUIDA



É importante lembrar que a morte de alguém querido na escola também mobiliza os educadores/professores e colegas da instituição.

O educador também é um ser humano vulnerável que necessita de suporte emocional para conseguir exercer sua função pedagógica e de acolhimento aos alunos. Toda a equipe está enlutada, e precisa de um local para compartilhar suas dores e angústias.

A escola deve promover espaços análogos aos dos alunos, onde os profissionais possam dividir suas dores, medos e dificuldades sem o peso de serem avaliados. Esses encontros permitem que o luto saia do isolamento e seja socializado entre pares, para que as pessoas que trabalham na escola se sintam mais fortalecidas e menos solitárias.

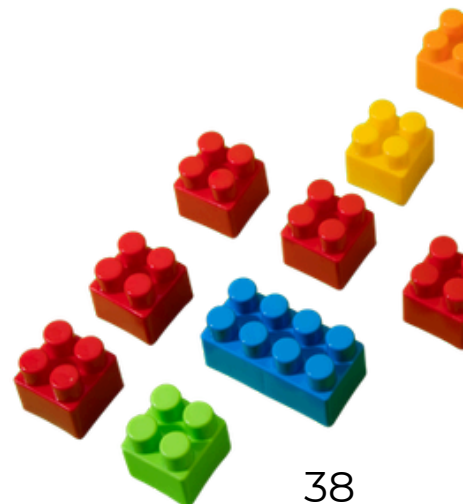
Quando há encorajamento e criação de momentos de encontro e reflexões sobre a perda, dentro de um ambiente favorável à expressão aberta do sofrimento, percebe-se a facilitação da superação do processo de luto de maneira mais saudável.

Os educadores devem receber suporte teórico e prático, por meio de rodas de conversa, grupos de reflexão e supervisão, para lidar com situações de crise, minimizando o sentimento de impotência, ajudando-os a reconhecer os próprios sentimentos, compartilhar responsabilidades no trabalho a ser desenvolvido com os alunos enlutados, e buscar apoio na equipe para o desenvolvimento das atividades diante das mudanças ocasionadas pela perda do(a) colega de trabalho.

A direção da escola deve ser sensível e não exigir produtividade normal imediata, evitando que os profissionais se sintam desamparados ou "atropelados" pelo luto. Validar a dor do professor e não tratar a morte de forma "interdita" ou oculta dentro da instituição ajuda a prevenir o sentimento de desamparo.

O suporte emocional contínuo é fundamental para evitar o esgotamento profissional (Síndrome de Burnout), que pode ocorrer quando as pessoas não recebem o retorno afetivo ou suporte organizacional necessário diante de situações estressantes como a morte.

Em casos de mortes traumáticas na comunidade escolar, a escola deve contar com uma equipe de apoio (psicólogos, especialistas) para dar assistência direta à equipe de educação, auxiliando na detecção precoce de reações de risco e promovendo a recuperação de todos os afetados.



**AMBIENTES DE ACOLHIMENTO E DIÁLOGO FAVORECEM A TRAVESSIA
SAUDÁVEL DO LUTO.**





O luto é uma experiência humana natural e inevitável, que pode estar presente em diferentes momentos da vida, inclusive na infância. Embora as crianças compreendam a morte de maneiras distintas dos adultos, de acordo com seu estágio de desenvolvimento, elas também vivenciam sentimentos de tristeza, saudade, insegurança e necessidade de compreensão. Por isso, merecem ter suas emoções reconhecidas, respeitadas e acolhidas por adultos sensíveis e disponíveis para escutá-las.

Nesse contexto, a escola pode desempenhar um papel fundamental como espaço de cuidado, acolhimento e segurança emocional. Ao oferecer informações verdadeiras, adequadas à idade da criança, e oportunidades para a expressão de sentimentos, a instituição contribui para que a perda seja elaborada de forma mais saudável. Mais do que apresentar respostas prontas, cabe aos educadores estar presentes, ouvir com atenção, acolher dúvidas e respeitar o tempo de cada criança para compreender e vivenciar a situação.

A principal função da escola não é explicar completamente a morte nem retirar a dor da criança, mas oferecer um ambiente seguro, previsível e acolhedor onde ela possa expressar seus sentimentos, fazer perguntas e continuar seu desenvolvimento cercada por adultos disponíveis e sensíveis às suas necessidades.

Apesar disso, certos limites devem ser considerados, pois o trabalho do profissional da educação não substitui o acompanhamento psicológico, que por vezes, é necessário.

É importante lembrar que comunicar uma morte também mobiliza emoções nos adultos envolvidos. Educadores que compartilham uma notícia difícil podem estar igualmente impactados pela perda e necessitar de apoio, escuta e acolhimento. Cuidar daqueles que cuidam é uma medida essencial para que a escola possa oferecer suporte consistente às crianças e às famílias.

A saudade revela a importância das pessoas que fazem parte da nossa história. Com o passar do tempo, a intensidade da dor tende a se transformar, abrindo espaço para que as lembranças, os momentos compartilhados e os vínculos construídos sejam preservados com afeto. A morte encerra a presença física, mas não apaga as marcas deixadas por quem foi amado. As experiências vividas, os ensinamentos compartilhados e o carinho construído ao longo da convivência permanecem presentes na memória e na história daqueles que seguem vivendo.

O acolhimento do luto e da saudade que vai e volta, possibilita aprendizagens que ultrapassam a experiência da perda. Ao conversar sobre sentimentos, empatia, cuidado e solidariedade, a escola contribui para o desenvolvimento socioemocional de todas as crianças. Elas aprendem a reconhecer emoções em si mesmas e nos outros, fortalecendo competências essenciais para a vida em sociedade, promoção de bem-estar e saúde mental.



- Camps, P. B., & Franco, M. H. P. (s.d.). O luto na infância [Cartilha]. Instituto Maria Helena Franco de Psicologia. https://www.institutomariahelenafanco.com.br/cartilhas/final_cartilha_luto_infancia.pdf
- Disner, G. S. (2024). Morte e luto na escola: Noções de crianças do ensino fundamental. Oficina Universitária; Cultura Acadêmica. <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-507-0>
- Erlbruch, W. (2023). O pato, a morte e a tulipa. Companhia das Letrinhas. (Obra original publicada em 2007).
- Franco, M. H. P. (s.d.). Luto como experiência vital. Instituto 4 Estações de Psicologia. https://www.4estacoes.com/pdf/textos_saiba_mais/luto_como_experiencia_vital.pdf
- Giaetton, D. W. L. (2020). A escola ante a morte e a infância: (Des)construção dos muros do silêncio. Revista Brasileira de Educação, 25, e250035. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250035>
- Jeffers, O. (2022). O coração e a garrafa (3ª ed.). Salamandra.
- Mazorra, L., & Tinoco, V. (2018). O dia em que o passarinho não cantou (2ª ed.). Zagodoni.
- Oliveira, M. (2003). A sementinha medrosa. Cultur.
- Paiva, L. E. (2011). A arte de falar da morte para crianças: A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. Idéias & Letras.
- Papalia, D. E., & Martorell, G. (2022). Desenvolvimento humano (14ª ed., e-book). AMGH.
- Pinto, Z. A. (2002). Menina Nina. Melhoramentos.
- Sengik, A. S., & Ramos, F. B. (2013). Concepção de morte na infância. Psicologia & Sociedade, 25(2), 379–387.
- Tatit, D., & Peres, S. (2000). Quando eu fico triste [Música gravada por Palavra Cantada]. Em Cantigas de roda, parlendas e brincadeiras.
- Unkrich, L., & Molina, A. (Diretores). (2017). Viva: A vida é uma festa [Filme]. Pixar Animation Studios; Walt Disney Pictures.
- Yamaura, L. P. M., & Veronez, F. S. (2016). Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. Psicologia Hospitalar, 14(1), 78–93.

